

“Tenho a impressão que já havia decidido escrever as memórias destes fatos muito antes deles terem acontecido, mas não consigo distinguir com clareza o que me resta ser contado. Como numa lenda onde todas as versões são boas esta é a minha versão. Gismundo tem me falado sempre do cheiro podre da cana, mas eu não sinto. Sinto, isso sim, o perfume da casa de São Paulo que está há muitos anos e quilômetros de mim. Acho que é por lá que devo começar a minha narração. E sinto seu perfume enquanto escrevo”.

Caríssimos Conselheiros, ilustríssimo senhor Carlos Diegues, a quem peço licença e quebro o protocolo para trata-lo como Cacá Diegues, senhoras, senhores...

O trecho lido anteriormente é um recorte da narrativa inicial daquele que é, para mim, e acredito que para muitos que conhecem e vivem a Uneal, sobretudo o Campus de União dos Palmares, umas das mais emblemáticas obras de Cacá Diegues, ora homenageado.

Trata-se de *Joanna Francesa*, um filme dirigido por ele em 1973 com direção musical de Chico Buarque e Roberto Menescal e cuja locação foi ambientada em União dos Palmares. Escolhi introduzir meu discurso de homenagem a Cacá Diegues a partir desta obra-prima não só pelo que ela representa, mas sobretudo pelo lugar em que ela foi ambientada, ou seja, a União dos Palmares dos anos de 1970.

É passeando por essa obra magistral que rendo a Cacá Diegues minhas homenagens pela honraria ora concedida. Farei, portanto, da humilde análise desta obra meu discurso e espero, a partir dela, parabenizá-lo pelo conjunto de sua obra e pelo título.

O simples fato de ambientar o filme na fazenda Anhumas, em União dos Palmares, onde está sediado o meu Campus de origem, já seria suficiente para despertar em mim, e acredito que em muitos de vocês, a curiosidade pelo diretor. Entretanto, para além desta locação, na região dos quilombos dos palmares, às margens da emblemática serra da barriga, o filme é um convite à poesia e à denúncia social.

Ao denunciar, com um mágico tom poético, a queda dos privilégios e consequente perda de prestígio político e de poder da aristocracia canavieira dos anos 1930, em função do processo de industrialização, através da chegada da Usina, que tragava sem dó ou piedade os antigos Engenhos, o diretor dá o tom do que era e no que se transformaria a Alagoas canavieira em transição. Mais que isso, fazia, pelas lentes mágicas da sétima arte, uma releitura da sociedade de classe da época. Uma obra prima que marcaria a sociedade palmarina décadas a fio. Por isso, o significado que tens para a Uneal, para a região dos quilombos e, por isso, esse título é tão merecido.

A minuciosa descrição do modo de vida típico de uma família tradicional da aristocracia canavieira, ainda que em decadência, nos faz refletir acerca do que éramos e no que nos tornaríamos. Uma áspera, mas paradoxal história do escravo doce, é narrada a partir de Gismundo que acha graça ao ser, literalmente, montado por Joana, magnificamente interpretada por Jeanne Moreau.

A conturbada relação em família, abalada pela morte da senhora do Coronel Aureliano, interpretado por Carlos Kroeber, e a substituição da matriarca da família pela dona de um prostíbulo vinda de São Paulo dá o tom de uma intrigante sequência de discursos que provoca o telespectador. Apenas um conflito familiar ou uma guerra de valores numa sociedade tão hierarquizada?

O que desejar para uma criança que nasce, fruto de uma conturbada relação familiar incestuosa, com sérios problemas mentais e que é condenada a viver excluída do seio da família, do lado de fora da Casa Grande num pequeno e insalubre casebre de palha sujeita a todas as intempéries do tempo? O que sentir com seus gritos e gemidos? Que fim dará Joana àquele pobre?

O que esperar da relação incestuosa dos irmãos que são, por Joana, dependurados em árvores presos em gaiolas em nome da moral e dos bons costumes? Estaria ela punindo pecadores ou purgando seus próprios pecados e a culpa, por ela sentida, pela morte da matriarca? A isso nem mesmo o próprio Aureliano responderia.

O que pensar do renegado bastardo largado para estudar no Recife simplesmente por ser negro e não se enquadrar no perfil aristocrático branco da família? O que dizer do convívio de tantos que se odeiam num mesmo espaço? Seria a tolerância como uma expiação dos pecados ou o remorso com uma alternativa ao fardo? O que pensar da figura imponente do Coronel Aureliano que sucumbe, lentamente, ao álcool?

A obra, provocativa por natureza, é um convite à experiência da sétima arte e à arte de Cacá Diegues, considerado um dos criadores do cinema novo. Sua obra ultrapassa as fronteiras do Brasil e enche Alagoas de orgulho.

Para o filósofo Gilles Deleuze¹ “o cinema não se confunde com outras artes, que apontam uma ilusão, mas que faz do mundo mesmo uma ilusão ou um relato: com o cinema, o mundo passa a ser sua própria imagem, não é que uma imagem se converta em mundo”. Me parece que Cacá Diegues, justamente homenageado por este conselho, conseguiu através do conjunto de sua obra não só expressar essa imagem como, sobretudo, dá a ela o tom brasileiro da arte.

¹Gilles Deleuze. A Imagem e Movimento.

Nesse sentido, caríssimos (as) me sinto muito honrado em estar conduzindo esta universidade e mais ainda esta sessão do conselho ao conceder a Carlos Diegues tão merecida honraria. Sou, como muitos sabem, amante da arte e não poderia, ainda que não estivesse à frente deste conselho, faltar a esta sessão. Não tenhas dúvidas Cacá que seu legado para arte não será esquecido. É compromisso nosso não deixar isso se apagar.

Acredito, sobretudo agora que passas a fazer parte da família Uneal, que os nossos laços, em nome da arte e em prol de um novo olhar sobre ela, só aumentarão. Tenho plena convicção que este é só o primeiro de tantos outros momentos que virão. Esta universidade, com seu espírito de vanguarda e a despeito de todas as dificuldades que enfrenta, nunca deixou de ser combativa, de pensar a arte como possibilidade e ferramenta de transformação. Assim, pedimos que fale em nome dela, que a defenda por onde andares.

No mais, parabenizo o Conselho pela aprovação unânime da homenagem e tenho plena convicção de que ela será honrada. Os caminhos que se abrirão, acredito, serão trilhados por muitos. Enfim, mesmo sabendo que a vida é a arte do encontro, embora haja tanto desencontro pela vida, como diria Vinicius de Moraes, continuo tendo a arte como ponte para não morrer da verdade como me ensinou Friedrich Nietzsche.

Parabéns Cacá, parabéns Uneal, parabéns Alagoas.

Muito Obrigado.